



Plano Estratégico 2022-2025

AMADORA INOVATION, E.M. UNIPessoal LDA.

Índice

O Nosso Rumo	3
Breve Apresentação da Entidade.....	4
O Território e a Comunidade – Caraterização do Concelho da Amadora	6
A Dinâmica Demográfica	8
Pilar de Missão Amadora Tech	11
Pilar de Missão Amadora Sorri	21
Pilar de Missão Amadora Cuida.....	27
Referências	35

O Nosso Rumo

Encurtar distâncias entre uns e outros, entre os mais bafejados pela sorte e os mais esquecidos, sem qualquer condição de ordem política, religiosa, racial ou de género. Todos nós com características diferentes as quais enriquecem a nossa comunidade multicultural, é certo, todavia queremos-la cada vez mais intercultural, uma fusão que se consegue pelo respeito por cada um e por todos, pela tolerância, pelo acesso de todos, à educação, pelo apoio às iniciativas individuais de forma a construir um projeto de vida assente na capacidade de realização de cada um. Por último, mas não menos importante, pelo respeito e pela consideração que nos merecem todos aqueles que hoje estão mais velhos e que depositaram em nós a continuação do seu legado e a quem nos atrevemos a chamar os “detentores do conhecimento feito de experiência”, é esta a memória que com 8 séculos de história deve lembrar todos os que ajudaram a construir este país, esta cidade e esta instituição. Com o nosso trabalho queremos homenagear o seu legado, garantindo um pouco mais de conforto e atenção nesta fase das suas vidas.

Breve Apresentação da Entidade

Como consequência do desenvolvimento de um projeto de candidatura ao Programa Escolas Oficina, em 1998, apresentado pela Câmara Municipal da Amadora, foi o despoletar para a génese da Escola Intercultural das Profissões e do Desporto da Amadora, E.M. Com o decorrer do programa, foi sendo cada vez mais evidente que a matriz socioeconómica apresentada pelo Município da Amadora carecia de intervenções profundas, inovadoras e continuadas.

A Câmara Municipal da Amadora reconhecia que poderia ir mais longe e fazer frente a um número significativo de problemáticas, desde o desemprego prolongado à pobreza e exclusão social de uma ampla faixa da população. É dessa vontade em ir mais longe e da forte convicção em promover mudanças sustentáveis e concertadas junto de públicos menos favorecidos e mais vulneráveis que é criada a Escola Intercultural das Profissões e do Desporto da Amadora, Empresa Municipal.

Assim, através da Lei 58/98 de 18 de agosto é constituída legalmente uma empresa de capitais maioritariamente públicos – 65% detidos pela Câmara Municipal da Amadora, 25% pela Cooptécnica Gustave Eiffel, C.R.L. e 10% pela Associação Empresarial para a Região de Lisboa – com a primeira designação de Escola das Profissões da Amadora, E.M.

Em 22 de dezembro de 2015 a Câmara Municipal da Amadora compra o capital detido pelos sócios privados e fica com 100% do capital, dando um novo rumo à empresa mudando a sua missão e em virtude disso mesmo o próprio nome. Assim, a partir de 26 de julho de 2016 passa a chamar-se Amadora Inovation, E.M. Unipessoal Lda.

A Amadora Inovation é dotada de personalidade jurídica, com autonomia administrativa, financeira e património próprio. Atualmente, a sua sede encontra-se no polo da Venda Nova, mantendo um polo na Reboleira, orientado para promoção da educação, visando o combate ao abandono escolar.

Desde o seu nascimento até hoje, a empresa cresceu, amadureceu e reforçou a sua posição enquanto escola. Em meados de 2016 mudou o seu paradigma e reorientou a sua missão ajustando a sua atividade de acordo com as linhas definidas pelo município.

Não se cingiu a trabalhar face aos seus primeiros objetivos, diagnosticou novas necessidades, encontrou outras frentes de ação em que poderia constituir uma mais-valia para as pessoas. Fê-lo e fá-lo sem anular o seu espírito fundador sem que isso a deixe amarrada ao passado.

A sua marca ao longo do tempo tem sido capaz de relançar novas atividades, abraçar novos desafios, vislumbrar novos horizontes, procurando alicerçar-se com projetos sustentáveis, conferindo desta

forma alguma garantia de futuro, não só para a própria empresa, como também para as pessoas do concelho da Amadora. É com base nesta perspetiva que a Amadora Inovation construiu o seu horizonte de futuro. A Amadora Inovation deve constituir-se como uma referência no âmbito do desenvolvimento de oportunidades, na criação de emprego, na valorização e integração social através da educação, e no apoio que dá aos mais idosos, gerando valor para toda a população da Amadora, principalmente para aqueles a quem presta os seus serviços.

Se isto for conseguido, então, há a certeza de que, o que fazemos, fazemos bem.

O Território e a Comunidade – Caracterização do Concelho da Amadora



A Amadora Inovation encontra-se inserida na Área Metropolitana de Lisboa, mais especificamente no Concelho de Amadora.

O Concelho de Amadora é muito jovem, embora a proposta para a criação do Município da Amadora remonte a 1961, só a 11 de março de 1977 é que essa proposta veio a ser aprovada pela Assembleia da República, criando-se para o feito uma comissão Instaladora com a responsabilidade de desenvolver estudos indispensáveis à criação e institucionalização deste Município. O que veio a acontecer dois anos e meio mais tarde, a 11 de Setembro de 1979, através do Decreto-Lei n.º 45/ 79.



Figura 1 - Fonte Wikipédia

Atualmente, o Concelho é constituído por seis freguesias: Águas Livres, Alfragide, Encosta do Sol, Falagueira-Venda Nova, Mina de Água e Venteira; cada uma delas com um tecido urbano denso e diverso, socioeconómica e culturalmente

Ao nível das acessibilidades, o Concelho da Amadora possui uma situação bastante privilegiada, não só devido à sua proximidade com a cidade de Lisboa, mas também pelo facto de deter um conjunto extenso de infraestruturas ferroviárias e rodoviárias.



Figura 2 - Fonte Câmara Municipal da Amadora

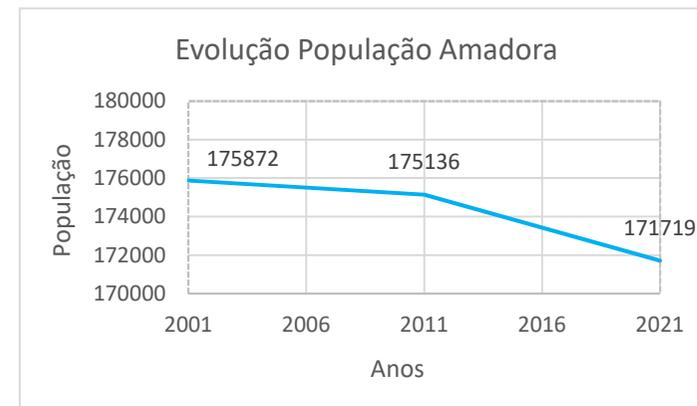
A Dinâmica Demográfica

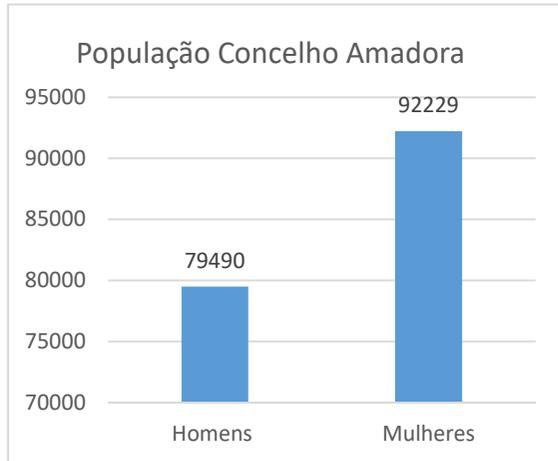
A Evolução da População no Concelho

O Município da Amadora foi, sobretudo a partir da década de 60 do século passado, alvo de um acentuado processo de crescimento populacional e, conseqüentemente, de uma considerável ocupação do território. O número elevado de acessibilidades, a proximidade com a capital e a concentração de inúmeras indústrias constituíram os principais fatores de atração de muitos daqueles que dão origem ao fluxo de migração interna desta década.

Mais tarde, nos anos 70 e 80, a descolonização trouxe um novo “boom” demográfico, tendo como protagonistas milhares de imigrantes para quem a rede de contactos, a similaridade linguística, cultural, institucional e económica e encontraram em Portugal um polo de atração, que, por isso mesmo, pesaram bastante no momento da escolha da região de destino, neste caso o concelho da Amadora.

O Município da Amadora insere-se na região da Área Metropolitana de Lisboa, que ocupa 3015,2 km² e concentra em si cerca de 27,7% da população de Portugal. Neste contexto, a Amadora, com 171 719 habitantes, conforme indicado pelos Censos de 2021, e com uma área de 24 km² encontra-se em sexto lugar na lista de municípios da Área Metropolitana de Lisboa quanto ao número de habitantes, mantendo o primeiro lugar em termos de densidade populacional com mais de 7000 habitantes/Km².





Estratégia Integrada

As alterações económicas, sociais e tecnológicas que se têm vindo a verificar em todo o mundo e em particular na Europa, estão a gerar novos obstáculos, mas também novas oportunidades e novos desafios, os quais devem ser aproveitados como *input's* inovadores orientados para dinamizar um novo sistema económico, para uma economia social renovada e para um sistema educativo mais exigente e igualitário, não se deixando permanecer obsoleto ou amarrado à realidade do passado.

Qualificar a população, através da aceleração de práticas estruturais vocacionadas para elevar os níveis educativos médios das pessoas, favorecendo o reforço de um sistema abrangente e diversificado de aprendizagem ao longo da vida, que abra a todos a possibilidade de atualizar e aprofundar as competências de forma a responder aos desafios inerentes de uma sociedade mais flexível, mais tecnológica e mais equitativa, constituem uma ação firme para a modernização e progresso. Não conseguiremos as mudanças que pretendemos se nos mantivermos encerrados nos mesmos ciclos de exigência e atuação, sem alterações de fundo; se mantivermos as mesmas alternativas, os mesmos percursos, as mesmas opções de vida escolar e profissional. Atendendo ao anteriormente dito, temos de reavaliar e adaptar às exigências do mundo atual, é essa uma das funções do Plano Estratégico, repensar o passado, redesenhar o presente e construir os caminhos do futuro.

O ponto de partida não poderia deixar de ser o acesso equitativo à educação. Hoje em dia, jovens, adultos e seniores devem ter igual oportunidade de acesso a recursos que eram impensáveis ainda não há muito tempo atrás. Face a isso, a nossa responsabilidade é garantir que essas oportunidades e esses recursos não são desperdiçados ou subvalorizados, por exclusão económica ou por ausência de competências e saberes.

É nosso dever desenvolver estratégias para nos adaptarmos às contingências de uma sociedade em constante mutação, sem deixar esmorecer a ambição e a capacidade de trabalhar para fazer mais e melhor, mesmo que isso passe por assumir novos compromissos. Contudo, nada disto resulta de um trabalho solitário, mas, de uma prática colaborativa com outras entidades, quer se assuma como forma de parceria ou qualquer uma outra, de forma a permitir implementar ações mais abrangentes e alargadas. Em nossa opinião o segredo está no modo como nos posicionamos, como trabalhamos para construir uma relação constante e permanente e não meramente pontual, com o mundo exterior.

Tudo isto é fruto de uma responsabilidade que foi conquistada e que devemos assumir com humildade, mas sem modéstia, neste sentido, a Amadora Inovation com o seu triângulo de ação estratégico, para 2022-2025, será reforçar as ligações com a sociedade civil, promover o

retorno à escola das crianças que apoiamos, garantir aos mais velhos e aos mais fragilizados algum conforto adicional demonstrando o respeito que nos merecem. Para concretizar esta missão apresentamos os 3 pilares que vão sustentar a nossa ação:

- Pilar de Missão **Amadora Tech**
- Pilar de Missão **Amadora Sorri**
- Pilar de Missão **Amadora Cuida**

Pilar de Missão Amadora Tech



Fazendo uma pequena retrospectiva, constatamos que no final do ano de 2020 estavam instaladas no nosso espaço 29 empresas em espaços físicos individuais, 14 em regime de cowork, 18 em incubação virtual, 12 projetos em processo de pré-incubação, 13 projetos apoiados ao abrigo do programa Startup Visa e 7 do programa Startup Voucher, abrangendo várias áreas de negócio, desde as áreas das tecnologias até à área da saúde, financeira, fiscal, consultoria, comércio, restauração e logística.

A Incubadora Amadora Tech, em resultado das diversas atividades de promoção do empreendedorismo e de apoio a empresas, cresceu, quer em número de atendimentos efetuados – foram realizados 213 no ano de 2020 - quer em número de empresas apoiadas, estando atualmente nos 94% de taxa de ocupação dos espaços disponíveis para apoio a empresas.

Neste momento, fruto do trabalho desenvolvido nestes 4 anos, a incubadora Amadora Tech, já tem os seus procedimentos e modelo de incubação consolidados, tendo-se estabelecido como uma estrutura de referência no objetivo de sustentar, incentivar e apoiar, num contexto também ele inovador e dinâmico, novas ideias de negócios e empresas sustentáveis

O caminho percorrido até ao momento, permite-nos concluir que estamos a potenciar o conhecimento, o empreendedorismo e a inovação, a ajudar a gerar postos de trabalho no concelho, garantindo também por esta via a qualidade de vida dos cidadãos.

Procurámos ajudar a estimular os recursos económicos e o tecido empresarial de que o concelho dispõe, tendo por objetivo a captação de novas empresas e projetos de carácter inovador ou diferenciador, e na geração de mais postos de trabalho para a generalidade da população. Temos vindo procurar a criar um clima de inovação e cooperação entre todas as instituições que intervêm no concelho, criando um ecossistema empreendedor mais recetivo à inovação e às novas ideias de negócios.

Os nossos esforços, durante este período, são alcançar o tipo de desenvolvimento que preconizámos: sustentado, assente na ideia de criarmos uma estrutura, que fosse abrangente, apoiando projetos e ideias de qualquer área e de negócios, que demonstrassem a sua sustentabilidade e que fosse do interesse para o concelho.

Agora, para este novo período, interessa potenciar a intervenção da Amadora Tech, posicionando-a como estrutura de referência para o empreendedorismo e apoio à inovação na região da AML. Este será o desafio, aumentar a relevância e a visibilidade do nosso trabalho, aumentar a nossa capacidade de resposta ao cada vez maior número de solicitações e pedidos de apoio que recebemos, estar atentos e antecipar as novas tendências e as respetivas necessidades que o mercado vai ter de se adaptar a elas,

A cidade da Amadora dispõe de diversas vantagens competitivas interessantes, que resultam de fatores tais como a sua localização geográfica, a competência adquirida e a experiência acumulada nestes anos de atividade da incubadora, os incentivos ao investimento, o aumento do nível de qualificação da mão-de-obra, a demografia e espírito inovador, a riqueza multicultural e a facilidade de integração de empreendedores de fora do concelho, aspetos relevantes para o aumento da competitividade e da capacidade de atração de investidores e empreendedores.

Importa realçar, a tendência para um processo mais acelerado de digitalização das economias e dos negócios, sendo este mais um desafio que se irá colocar num futuro próximo, o que obriga a uma aposta estratégica também nesta área.

Principais Questões a Resolver

- Está esgotada a capacidade de instalação física de novos projetos – estamos a cerca de 90% da capacidade instalada, estando disponíveis 1 sala, + 1 sala onde está atualmente a funcionar o espaço de isolamento covid e os antigos arquivos, que permitirão mais 2 salas;
- Renovar a imagem/espço físico da incubadora;
- Baixa notoriedade da Amadora Tech e das atividades por si desenvolvidas – marca AMADORA TECH;
- Aumentar a atratividade da incubadora para novos projetos de caráter inovador e escaláveis;
- Incapacidade de autoapoiar projetos que necessitem de financiamento/investimento inicial;
- Promoção dos produtos e serviços das empresas instaladas na incubadora;
- Fraca ligação ao tecido empresarial do concelho e às grandes empresas estratégicas instaladas na Amadora;
- Valorização/dinamização da plataforma “amadoramaisempresas” e sua potenciação como market place privilegiado para a divulgação dos negócios no concelho;
- Participação em redes regionais/nacionais que permitam aumentar a capacidade de networking e de posicionamento da incubadora, possibilitando o acesso a novas formas de financiamento e a parcerias estratégicas com potenciais investidores, veículos financeiros e mentores;

Alinhamento com estratégias regionais

Para alcançarmos os nossos objetivos, é importante também perceber aquilo que são as linhas de desenvolvimento estratégico para a região onde nos encontramos inseridos, de acordo com a Estratégia Regional de Especialização Inteligente de Lisboa 2021 2027 (RIS3), e, a partir daí, fazer o alinhamento da nossa estratégia com aquelas que serão as prioridades temáticas.

Os domínios de especialização regional identificam abordagens específicas para as áreas chave que incorporam, aprofundando lógicas de cadeia de valor assentes em prioridades que são agrupáveis. Daqui, resultou a definição dos seguintes domínios para a estratégia da Região de Lisboa:

Domínios e especialização:

- Agroalimentar;
- Economia azul;
- Indústrias criativas e culturais;
- Mobilidade e transportes;
- Saúde;
- Turismo e hospitalidade.

Domínios transversais:

- Transição digital;
- Ensino superior.

Da análise dos eixos estratégicos de cada um dos domínios, e respetivos projetos e programas estruturantes, conseguimos identificar algumas áreas que serão possíveis de alinhar com aquilo que serão as prioridades estratégicas de intervenção da Amadora Tech. Este alinhamento permitirá que os nossos projetos possam beneficiar de apoios e incentivos e dinâmicas geradas pela implementação desta estratégia.

Tendências do mercado

Devemos também estar atentos àquilo que são as tendências emergentes de mercado e de novos modelos de negócio. O desenvolvimento de negócios e a inovação assentam cada vez mais no acesso e utilização em larga escala das ferramentas tecnológicas. Assim, cada vez, os novos negócios e os futuros empreendedores trabalharão em conceitos e projetos associados a áreas tais como: Inteligent Composable Business, IOT e Internet of Behavior, Autonomous Things (AuT), Intelligent Process Automation, Segurança, Fintech, machine learning, Big data, block chain, Inteligência artificial e Cloud computing.

Por este motivo, é importante que a Amadora Tech consiga posicionar-se de forma a ser atrativa para projetos deste tipo, gerando e sustentando Ecossistemas de inovação, que possam apoiar negócios com estas características.

Num futuro próximo é provável que posamos encontrar no nosso dia-a-dia profissionais a desempenhar tarefas com novas profissões que hoje podemos prever, mas que em 2010 (10 anos atrás) não imaginávamos. Da pesquisa que fizemos deixamos aqui um conjunto alargado de novas profissões que julgamos começarem a surgir nos próximos anos.

Profissões que prevemos surgirem num futuro próximo

As opiniões sobre as profissões do futuro são muito variadas, mas há um conjunto delas que são reconhecidas por vários autores e estudiosos do assunto. Uma certeza temos o trabalho vai mudar no futuro, mas não vai desaparecer.

Um relatório do Center for the future of Work, estabelecido pela Cognizant Technology *Technology Solutions*¹, é mais específico e aponta para algumas profissões que existirão no futuro.

Destacamos as seguintes:

1. Analista de dados

a) O que faz este profissional?

i. Analisa as “Big Data”, ou seja, descodifica “o que os nossos dados estão nos contando? que segredos contêm?

b) O que é preciso?

i. Ter conhecimentos sobre finanças, matemática e data science, mas não é necessário ser um alto especialista/cientista de bases de dados. Conhecimentos sobre legislação será uma vantagem.

2. Facilitador de Tecnologias da Informação;

a) O que faz este profissional?

i. Nesta profissão do futuro, a função é explorar tendências digitais e criar uma plataforma self-service automatizada para que os utilizadores construam os seus próprios ambientes colaborativos, incluindo assistentes virtuais.

b) O que é preciso?

i. Ter formação em TI, ciências da computação, engenharia, ciências naturais ou administração de empresas. Competências de comunicação e liderança também são necessárias.

3. Oficial de ética de sourcing

a) O que faz este profissional;

i. Investiga, acompanha, negocia acordos de bens e serviços para garantir que os custos indiretos da empresa (em energia, água e outros) estão de acordo com os padrões de ética de seus stakeholders.

b) O que é preciso

i. Ter experiência com ética em ambientes corporativos, competências interpessoais e de comunicação, capacidade de

¹ www.cognizant.com

trabalhar em grupo. Conhecimentos de gestão de negócios, de legislação, gestão pública.

4. Gestor negócios de inteligência artificial

a) O que faz este profissional

i. Desenvolve e implementa programas capazes para acelerar vendas e negócios de inteligência.

b) O que é preciso

i. Ter experiência em vendas e no desenvolvimento de negócios em grandes organizações, além de experiência corporativa com plataformas de inteligência artificial e computação em nuvem.

5. Mestre de “edge computing”

a) O que faz este profissional

i. Cria, mantém e protege o ambiente de “edge computing”, ou computação na “borda” (trata-se do limite da rede de computação em nuvem, perto da fonte de dados).

b) O que é preciso?

i. Doutorado na área ou em áreas relacionadas, experiência com segurança e protocolo de internet das coisas (IoT), entre outros assuntos. Capacidade de arquitetar e projetar ambientes de computação em nuvem ou edge computing.

6. Walker/Talker

a) O que faz este profissional

i. Profissional autônomo, como os motoristas de Uber. Passa tempo com clientes idosos através de uma plataforma online para escutá-los e conversar com eles. “A sua principal tarefa como walker/talker é ‘prestar atenção’”

b. O que é preciso?

i. Qualquer background de formação poderá ser considerado. É preciso ter mobilidade para visitar os clientes em casa quando for necessário.

7. Conselheiro de saúde

a) O que faz este profissional

i. Trabalha remotamente para oferecer coaching individual e conselhos de bem-estar de saúde para utilizadores de pulseiras inteligentes, que monitorizam suas atividades físicas e sinais vitais.

b) O que é preciso?

i. Ter experiência em nutrição, em educação física e em modalidades desportivas como CrossFit ou yoga. Deve saber lidar com pessoas oriundas de várias zonas do globo e de várias culturas.

8. Técnico de saúde assistida por inteligência artificial

a) O que faz este profissional

i. Examina, diagnostica e administra tratamentos apropriados a pacientes, auxiliado por tecnologia e por médicos em modo remotamente

b. O que é preciso?

i. Ter formação em enfermagem ou similar e ter experiência na área da saúde, para além de competências interpessoais e capacidade de trabalhar sob pressão com ferramentas digitais

9. Analista de cibercidades

a) O que faz este profissional

i. Garante a segurança e funcionalidade da cidade ao garantir um fluxo necessário de dados (ambientais, populacionais, etc.) pelo sistema.

b. O que é preciso?

i. Ter qualificações em engenharia informática/digital, conhecimentos sobre circuitos eletrónicos e experiência com impressão 3-D. É preciso saber ler analisar e interpretar dados.

Conjuntos de competências que vão garantir os empregos no futuro

10. Diretor de portfólio genético

a) O que faz este profissional

i. Cria e executa estratégias para um portfólio de produtos biotecnológicos.

b) O que é preciso?

i. Ter habilitação em área relacionada com a genética (mestrado ou doutoramento é uma vantagem), experiência de vários anos

nesta área, ter competências na área da comunicação, liderança e negociação.

11. Gestor de equipas humanas e máquinas

a) O que faz este profissional

i. Desenvolve um sistema de interação para que seres humanos e máquinas se compatibilizem e otimiza esta equipe híbrida.

b) O que é preciso?

i. Ter como formação base em psicologia e/ou neurociência e qualificação posterior em ciências da computação, engenharia e recursos humanos. É preciso ter experiência em áreas relacionadas, como machine learning ou interação entre humanos e robôs.

12. Coach de bem-estar financeiro

a) O que faz este profissional

i. Oferece sessões de coaching individuais para clientes que queiram compreender e monitorizar os seus investimentos/atividades financeiras.

b) O que é preciso?

i. Ter formação em finanças, um bom ambiente para trabalhar remotamente e muita experiência em análise de métricas financeiras e conhecimentos sobre banca, bolsa e capitais de risco.

13. Alfaiate digital

a) O que faz este profissional

i. Trabalha com clientes para obter medidas precisas (utilizando uma cabine especial) e garante que as peças ficam bem à pessoa que serviu de modelo.

b) O que é preciso?

i. Ter experiência na área da moda, arte /design e dominar as tecnologias de forma confortável e ter um bom desempenho comercial

14. Chief Trust Officer

a) O que faz este profissional

i. Trabalha com equipas de relações públicas e finanças para construir relações de confiança no setor financeiro de forma a encorajar a transparência e responsabilidade no mercado de cripto moedas.

b) O que é preciso?

i. Te experiência relevante (com cripto moedas, bolsa de valores), mestrado na área, conhecimentos regulatórios e perfil analítico.

15. Analista de quantum machine learning

a) O que faz este profissional

i. Pesquisa e desenvolve soluções de ponta, que aumentam a velocidade e performance de algoritmos e sistemas, ao integrar as duas disciplinas.

b) O que é preciso

i. Ter um perfil criativo e uma pós-graduação na área e alguns anos de experiência com machine learning, computação quântica ou data science.

16. Guia de loja virtual

a) O que faz este profissional

i. Atendimento ao cliente de maneira instantânea e virtual. O trabalho é remoto e utiliza realidade aumentada.

b) O que é preciso

i. Ter experiência em vendas, competências na área da comunicação e capacidade de trabalho remoto

17. Corretor de dados pessoais

a) O que faz este profissional

i. Monitora e comercializa dados pessoais de um cliente e busca maximizar os ganhos em bolsas de dados nacionais e internacionais.

b) O que é preciso

i. Ter espírito analítico, conhecimento da legislação internacional e nacional e saber trabalhar sob pressão

18. Curador de memórias pessoais

a) O que faz este profissional

i. Contacta diversos stakeholders, imprensa e fontes históricas para recriar e arquitetar experiências passadas de clientes que perderam suas memórias. Utiliza a realidade virtual

b) O que é preciso

i. Ter perfil criativo de alto nível, um desenvolvimento elevado de inteligência emocional, ótimas competências de comunicação, empatia, capacidade narrativa e espírito aberto à inovação

19. Construtor de jornadas de realidade aumentada

a) O que faz este profissional

i. Este profissional projeta, escreve, cria, afina, gamifica, constrói e personaliza jornadas de realidade aumentada.

b) O que é preciso

i. Ter perfil criativo, muitos anos de experiência com jogos competitivos multi-player, familiaridade com tecnologias como Microsoft HoloLens e Facebook Oculus e com meta versos de conteúdo.

20. Controlador de estradas

a) O que faz este profissional

i. Monitoriza, regula, planeia e manipula espaços aéreos e estradas, programando plataformas automatizadas de inteligência artificial usadas para gerir espaços de carros e de drones autónomos

b) O que é preciso

i. Aptidão para o trabalho é mais importante que as qualificações ou experiências anteriores. É preciso ter competências de comunicação, de tomada de decisão, de organização e resolução de problemas. Saber trabalhar sob pressão é também importante.

Este novo paradigma coloca um novo desafio à Amadora Tech, ter abertura de espírito e capacidade de análise de propostas baseadas em ideias inovadoras dando sustentação a um novo ecossistema.

Visão e Proposta de Valor

“O sucesso das incubadoras é, em grande parte, definido pelo sucesso das empresas nela incubadas”.

O novo paradigma de modelo de gestão para a Amadora Tech tem de promover a interação dos vários intervenientes do processo de empreendedorismo e incubação, (incubadora, Câmara Municipal, parceiros e empresas) com o ambiente externo (micro e macro) e a sua dinâmica.

Pretende-se que com esta estratégia, que a Amadora Tech possa contribuir, para que a Amadora seja cada vez mais reconhecida como uma cidade aberta à multiculturalidade e multilinguismo, com a educação e inovação no centro do seu ecossistema, sustentável, com elevado dinamismo económico e cultural, facilitadora e promotora do empreendedorismo.

Para tal, consideramos que o esforço de atração para novos projetos deverá ser direcionado para os seguintes sectores de atividade:

- **Tecnologias de Informação, Comunicação e Eletrónica, Transição digital e gestão de grandes bases de dados**
- **Saúde e Medtech**
- **Inovação social, Cultura e indústrias criativas**
- **Alimentação – fornecimento de refeições e dark kitchens**

Isto não significa, no entanto, que deixemos de ser aquilo que sempre fomos até ao momento, que nos fez crescer e que nos colocou na 1ª Linha de apoio aos empreendedores e empresas da Amadora: uma incubadora multissetorial, inclusiva, que disponibiliza apoio ao qualquer tipo de projeto, desde que o mesmo reúna as condições necessárias para ser apoiado.

A opção pelos sectores seleccionados como prioritários, decorrem, por um lado, daquilo que são as novas tendências do mercado, mas também do alinhamento com as políticas regionais e com as características e vantagens competitivas identificadas no concelho.

Objetivos Estratégicos 2022 – 2025

1. Promover/divulgar a imagem da Amadora Inova/Amadora Tech, dinamizar e consolidar o posicionamento da Amadora Tech como instrumento de apoio para o empreendedorismo, inovação e empregabilidade no concelho, aumentando a sua capacidade de intervenção;
2. Atrair para a incubadora novos projetos, em sectores emergentes, especializados, que possam criar emprego, captar investimento, fomentar redes de parcerias e o próprio ecossistema e servir de referência para a imagem de inovação e capacidade empreendedora, que pretendemos demonstrar.
3. Continuar a apoiar o tecido empresarial do concelho, contribuindo para a sua maior rentabilidade e sucesso;
4. Desenvolver instrumentos e oportunidades para futuro;
Para tal, é necessário:
 - Aumentar a cooperação entre o sistema científico, tecnológico com as empresas transformando o conhecimento teórico em processos empresariais através de redes de cooperação, atraindo para o concelho novas parcerias com entidades académicas e de ensino, promovendo a Investigação e inovação nas empresas, com a criação de centros de investigação e de desenvolvimento de competências;
 - Atrair e promover o Empreendedorismo e incubação de novos negócios, em particular o empreendedorismo de base tecnológica e

inovador que promova a valorização económica do conhecimento, bem como a transformação digital dos negócios orientando-os para os desafios emergentes;

- Promover estratégias integradas e consistentes para a Internacionalização das empresas e dos projetos “made in Amadora”;
- Criar novos polos/espacos para incubação e implementação de projetos;
- Lançar programas e concursos de apoio a empreendedores e startups;
- Ligação a institutos politécnicos, escolas e universidades para a criação de Programa Criativos Data Science e Creative Hubs, centros de apoio à criatividade e desenvolvimento de ideias com espaço para prototipagem;
- Apoiar e dinamizar projetos assentes em tecnologias de Smart Utility & Services Networks, aplicadas no contexto de desenvolvimento e aplicação de smart cities;
- Promover a transição digital dos negócios, potenciando o desenvolvimento de novos modelos de negócio que originarão mais valor acrescentado e mais emprego qualificado;
- Mitigar os constrangimentos que se verificam no acesso a financiamento e a investidores da parte das startups, através da parceria com fundos de investimento ou com o desenvolvimento de um fundo municipal de apoio ao empreendedorismo, ou da criação de uma plataforma de small local investors.

Pilar de Missão Amadora Sorri



Segundo a Comissão das Comunidades Europeias *“As políticas de educação e formação devem permitir a todos os cidadãos, independentemente da idade, do género e do perfil socioeconómico, adquirir, atualizar e desenvolver, ao longo da vida, as competências específicas para as funções desempenhadas, bem como as competências essenciais para promover a aprendizagem futura.”* A educação é o ponto de partida para melhorar. E é-o para todos, sem exceção².

A educação para todos não surge aqui enquanto “chavão”, mas sim enquanto princípio consagrado na Constituição da República Portuguesa. Apesar das questões de equidade terem sempre estado no centro do domínio da educação, a educação para todos é um desafio da

atualidade; não enquanto ideal ou utopia, mas enquanto possibilidade concreta e concretizável pela intervenção dos próprios estabelecimentos de ensino e agentes de educação.

A educação para todos os cidadãos exige que o Amadora Sorri continue a estar à altura do desafio do pluralismo, na medida em que *“A educação deve fazer face a uma grande variedade de talentos individuais, tal como a uma gama de antecedentes culturais dos grupos que constituem a sociedade.”* Isto não implica uma educação menor para aqueles que se encontram em situação menos favorecida. Todos têm direito a ter a mesma qualidade na educação, só assim é que a escola funcionará como um meio favorecedor à integração.

Este pilar estratégico requer que a Amadora Inovation continue a empenhar-se em processos educativos orientados para a promoção do sucesso escolar.

É preciso continuar a percorrer este caminho, é por ser imperioso que temos de continuar a Inovar. Inovar na educação não tem a ver com o uso de tecnologia na escola, mas sim com um todo, temos de olhar para a inovação de maneira holística. Uma instituição de ensino deve ir além do âmbito académico, as crianças e jovens não são apenas alunos, são também filhos, amigos, serão adultos, pais e mais tarde avós e precisam estar preparados para todas as exigências do seu percurso de vida. Não basta aprender é preciso aprender de forma a podermos dar resposta cabal à vida que vamos percorrer, ora o abandono escolar é uma situação DRAMÁTICA em qualquer situação, mas numa sociedade mais

² Comissão das Comunidades Europeias (2008), Quadro Estratégico Atualizado para a Cooperação Europeia no Domínio da Educação e Formação, Bruxelas.

exigente como aquela em que vivemos no século XXI, transporta todas estas crianças e jovens para uma margem social de uma forma inevitável e muitas vezes sem retorno. É por isto que defendemos que temos de reduzir o abandono escolar a zero e promover um ensino que facilite a disponibilização de ferramentas que autonomizem todos os cidadãos e lhes deem a liberdade de escolher o seu caminho.

Algumas questões se levantam:

1. Quando andávamos na escola o que pensávamos que precisávamos de mudar?
2. O que mudaríamos na forma de aprendermos?
3. Na nossa escola foi-nos proporcionado essa mudança?
4. O que necessitaríamos de aprender?

São estas as questões que temos de dar resposta, porque é uma necessidade permanente que o futuro nos impõe, o futuro é sempre o passo seguinte. Temos que aprender hoje as tarefas que vamos desempenhar amanhã. A escola tem de preparar, no presente, os Homens do futuro para as exigências que se vão colocar amanhã. É por isto que temos de pensar permanentemente em inovação na educação.

Três pontos que justificam a necessidade

1. Desenvolvimento de novas “habilidades”

Hoje, com os avanços tecnológicos o mercado de trabalho não exige apenas um currículo bonito, com mil cursos, também quer pessoas que tenham determinadas habilidades e estas, por sua vez, têm muito mais relação com o comportamento, com o conhecimento técnico e teórico dos diferentes assuntos.

Desenvolver habilidades como criatividade, capacidade de resolução de problemas, comunicação, raciocínio lógico, desenvolvimento da inteligência emocional entre outras, são essenciais para permitirem o sucesso pessoal e profissional.

2. Como melhorar a aprendizagem

Temos de compreender como os alunos podem aprender melhor, como conseguem apropriar-se dos conhecimentos e transpô-los para a vida do dia-a-dia.

Um bom gestor precisa de estar atento às últimas novidades na sua área, um bom professor precisa de acompanhar as últimas novidades na área pedagogia/didática, aos novos estudos científicos sobre esta matéria e assim por diante.

3. Estudante/aluno como construtor do conhecimento

Um outro motivo para inovar na área da educação é conseguir que o estudante passe de um mero espectador no sistema de aprendizagem para um construtor de conhecimento.

Isto acontece, por exemplo, em escolas onde se aplicam Metodologias Ativas, em que o professor deixa de ser o único detentor do conhecimento e passa a ser um facilitador dele, um guia de um percurso de conhecimento.

Desta forma o aluno pode desenvolver algumas habilidades importantes, como proatividade, essencial para as várias áreas da vida ativa, principalmente para o mercado de trabalho, mas também para o novo mercado de trabalho que está a surgir.

Apresentamos alguns motivos para promover a inovação na educação, mas como vamos fazer isso?

Tenha uma mente disruptiva

Ter uma mente disruptiva significa quebrar paradigmas e ir para além do nosso tempo. Todos conhecemos algumas, como Galileu, Marie Curie, Einstein entre outros.

Eram pessoas que não se contentavam apenas com o que o mundo tinha para oferecer, mas queriam mais, assim, rasgaram novos caminhos procurando alcançar novos objetivos provocando uma mudança na mente das pessoas e no mundo da sua época e construindo novos mundos para o futuro.

Será preciso ser um génio para isso?

Não, promova mudanças positivas, pequenas mudanças muitas vezes, e para isso não precisa ser um super-génio, acredite, se fizer sempre o mesmo não espere resultados diferentes dos que tem obtido. Promover pequenas mudanças positivas pode conseguir resultados bastante positivos, é essa a capacidade intrínseca da escola. Promova projetos na sua escola, por exemplo, os alunos encontrarem formas para melhorar o aproveitamento dos alimentos que são desperdiçados. Se um dos elementos conseguir uma boa solução, observe o efeito desmultiplicador que terá na comunidade educativa.

Use a tecnologia como ferramenta

Inovar na educação não tem a ver apenas com tecnologia, mas ela poderá ser uma ferramenta importante em todo o processo.

A tecnologia consegue oferecer recursos que ajudam o desenvolvimento de diversas habilidades como a proatividade, a criatividade, a concretização de projetos e assim por diante.

Por exemplo no uso de Metodologias Ativas de ensino. A gamification (gamificação) permite aos alunos aprenderem com o mesmo sentimento de estarem a jogar, ou usando MESMO jogos digitais. É certamente, para muitos, bem mais divertido do que apenas a leitura de um manual, a isto chamámos no princípio deste século “a escola atrativa”.

Sala de aula invertida

Outra estratégia utilizada nas Metodologias Ativas é a chamada sala invertida, onde o aluno deixar ser um mero expectador para a participar, em conjunto com o professor, na construção do próprio conhecimento. Já existem trabalhos que comprovam os benefícios deste tipo de ensino. É um assunto muito falado desde o final do século passado e grande parte das escolas dizem promover estas metodologias, mas também nos parece que muitas vezes são mal implementadas ou implementadas por uma pequena franja de professores e num reduzido número de turmas.

É possível inovar na educação adaptando as novas ideias às possibilidades de cada escola. Podemos começar por reunir com uma equipa de professores de forma a produzirem um conjunto de ideias “como inovar” e depois como aplicar algumas destas na realidade de cada escola. Para termos sucesso não podemos querer conquistar o mundo com estas pequenas alterações, mas devemos pensar em realizar pequenas mudanças positivas que os alunos irão absorver e terão de certeza melhores resultados. Esta vai ser a semente lançada à terra que irá germinar e mudar o mundo.

Inclusão e limites

Comportamento

As instituições de ensino não são áreas de lazer, o seu objetivo principal é a promoção do conhecimento, da pesquisa, do saber e da promoção pelo respeito dos direitos humanos. Quando falamos em direitos humanos estamos a pensar nos direitos de todos, das crianças, das minorias, das mulheres etc.

Como já foi dito, não podemos tolerar comportamentos que violam os direitos humanos ou os consagrados na Constituição da República. As regras para viver em sociedade não são meras formalidades, mas, essencialmente, normas de bem viver em sociedade. A escola para além de participar de forma decisiva na nossa qualificação e no nosso futuro, não pode deixar de nos ajudar a viver na comunidade em que estamos integrados, sem termos de abdicar da nossa individualidade. Todos iguais, nas oportunidades, todos diferentes na essência de cada um.

Narrativas

A soma dos diferentes currículos “ocultos” de cada um de nós são repertórios sociais e familiares que cada criança, cada jovem que cada pessoa traz para a escola, e de um modo geral influenciará o nosso comportamento, as nossas escolhas e as nossas aprendizagens, podendo provocar o sucesso ou fracasso do processo educativo.

As mais modernas teorias nesta matéria reconhecem a importância deste currículo “oculto” no sucesso ou no insucesso de cada um no percurso educativo. É justo e necessário ter em consideração que existe diferença no ponto de partida de quem conviveu em meio mais propício ao conhecimento, com quem não teve essa oportunidade e essa facilidade. A escola tem de servir e é crucial que tenha um papel determinante no esbatimento destas diferenças no ponto de chegada.

Similaridade de códigos representará vantagem educacional num primeiro momento, ser acolhido como igual, falar o mesmo idioma, exibir os sinais exteriores de uma mesma classe social, gostar dos mesmos ídolos, facilita o sentimento de pertença do estudante, indicando ao professor uma boa adequação da metodologia de ensino.

No entanto, ao lado desta aparente vantagem, pode haver o reforço de alguns aspetos inconvenientes. A expressão do que Jung chamava Inconsciente Coletivo tem formas variadas, cada povo ou segmento social, manifesta os seus desejos e ambições, à sua maneira. Para conhecermos bem uma população, precisamos saber do que ela ri, as cantigas, ditados, piadas, gírias, histórias de assombro e maravilhas, dão-nos indicação do que é a sua alma, seus valores e sua visão de mundo.

Os preconceitos, muitas vezes, revelam-se nas anedotas, no que se fala de forma jocosa sobre mulheres, negros, estrangeiros, gays, muito ricos, muito pobres, e quaisquer outros não pertencentes ao grupo orador, ainda que seja declaradamente uma brincadeira, é

claramente uma opinião. Devemos ser orgulhosos de pertencer a um país inclusivo e acolhedor, temos dificuldade no dia-a-dia de convívio com quem seja ou pareça diferente de nós, pratique outra religião, e até mesmo torça ou goste de um outro grupo.

Em ambiente escolar isso torna-se particularmente notável, já que crianças e jovens não desenvolveram ainda a discrição e maior contenção verbal que a vida adulta nos ensina, e manifestam mais claramente as crenças e temores do meio em que vivem.

Sartre definia a criança como um polimorfo cruel, mas, possivelmente, ela é apenas um espelho de sua comunidade, refletindo seus rancores, crueldades e até mesmo qualidades. Dentro do ambiente escolar cada aluno desenvolverá suas narrativas, revelando bastante – não tudo, evidentemente – da sua forma de relacionar-se, dos valores transmitidos pela família e observados no grupo a que agora procura pertencer ou aderir.

Além das histórias partilhadas, brincando com as diferentes coisas revelarão a maneira com que irão compartilhar espaço com os “diferentes”, e, na prática, o exercício real dos direitos humanos, para além do mero discurso, pois rapidamente aprendem que, embora na teoria os adultos defendam igualdade e fraternidade, nem sempre agem de forma compatível com estes termos.

A exigência de fazer o que se diz, mas não o que se faz, mais que uma frase feita, é reveladora de uma profunda necessidade de reflexão. Estas dubiedades marcarão profundamente seres em formação, perpetuando os gracejos que, por meio de palavras ou de imagens, expõem a dificuldade que temos de encarar a crua realidade.

É por estes, motivos, conceitos, currículos ocultos e até mesmo preconceitos que todos temos, que é imperativo continuar a pugnar por uma escola promotora e geradora de oportunidades para todos, não esquecendo nunca todos aqueles que foram menos bafejados pela sorte no seu ponto de partida. O projeto 12-15 foi criado para esbater estas diferenças e gerar oportunidades para todos os que começaram a ser esquecidos pelo sistema regular de ensino. É imperioso continuar por este caminho.

“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.” John Dewey

Pilar de Missão Amadora Cuida



Inovação Social em Portugal

Introdução

A Inovação Social começou a ganhar mais reconhecimento em Portugal em grande parte por causa do **Portugal Inovação Social**, uma iniciativa coordenada pela Estrutura de Missão Portugal Inovação Social (EMPIS), que teve como objetivo a promoção da inovação social e dinamizar o mercado de investimento social em Portugal. Esta iniciativa foi **pioneira na Europa**, e Portugal foi o único país que reservou parte dos fundos comunitários até 2020, com o objetivo de experimentar novas formas e instrumentos de financiamento que pretendem fomentar a inovação e o investimento social.

Uma conceção utilitarista da inovação social

A valorização da inovação social na sua capacidade para mobilizar recursos e resolver problemas, ou a orientação para a sua “finalidade social”, têm sido particularmente sublinhadas por alguns dos autores mais influentes neste domínio. Entre eles, sobressai a contribuição de Geoff Mulgan, para quem a inovação social se traduz em atividades e serviços inovadores, que são motivados pelo objetivo de ir ao encontro de uma necessidade social e que são predominantemente desenvolvidos e difundidos através de organizações cujos propósitos primordiais são sociais (MULGAN,2007).

Na sua ótica, a inovação social torna-se um imperativo quando os problemas se agravam, os sistemas não funcionam e as instituições refletem mais os problemas passados do que os presentes, identificando um conjunto de áreas em que hoje o “*deficit*” de inovação social é mais flagrante: aumento da esperança de vida; crescente diversidade dos países e cidades; domínios de desigualdade social; crescente incidência de condições crónicas; problemas comportamentais; transições difíceis para a idade adulta; felicidade.

Da conceção adotada por Mulgan e outros autores (Phills Jr., Deiglmeier e Miller, 2008; Leadbeater e Meadway, 2008; Nilsson e Paddock, 2014), decorre um conjunto de características essenciais associadas ao conceito e, sobretudo, à concretização da inovação social. A primeira delas está contemplada na definição proposta por Phills Jr., Deiglmeier e Miller, segundo a qual ao contrário dos termos empreendedorismo social e empresa social, a inovação social transcende setores, níveis de

análise e métodos para descobrir processos – estratégias, táticas e teorias da mudança – que produzem impacto duradouro (2008).

Também Mulgan defende que, se “*a inovação social costumava ser considerada reserva privada do terceiro sector*” (2010), as perspetivas mais recentes enfatizam que a inovação social ocorre em todos os setores e que inovações específicas muitas vezes se movem entre setores à medida que evoluem. Ou seja, podem surgir no setor privado (finança ética ou responsabilidade social das empresas), no setor público (políticas ou modelos de serviço), no terceiro setor ou na família (que estão na génese de movimentos sociais como o *Slow Food* ou dos direitos dos deficientes).

Em Portugal, uma das faces mais visíveis da interpenetração entre setores está bem patente no fato de serem, em variadas circunstâncias, fundações patrocinadas por grandes multinacionais e instituições financeiras que apoiam e financiam o surgimento de novas experiências socialmente inovadoras. Patrocinam negócios sociais, criam plataformas de *crowdfunding*, organizam *bootcamps* e concursos de ideias:

A missão da Fundação EDP [Eletricidade de Portugal] na área da inovação social passa por levar para a ‘Economia Solidária’ a noção e a prática do empreendedorismo social e da sustentabilidade, fundamentais para o desenvolvimento e para a sobrevivência das organizações sociais, procurando novas soluções para velhos problemas, afastando-se da lógica do apoio assistencialista e da filantropia do donativo. Atuar nas origens, procurar fórmulas, promover a colaboração entre todas as “Partes Interessadas”, partilhar

conhecimentos, disseminar ferramentas de gestão e de capacitação dos recursos humanos das organizações, fomentar uma cultura de resultados, procurar a sustentabilidade dos projetos – tudo isto é fundamental para quebrar os ciclos de pobreza e de dependência. Mas não é suficiente. E é aqui que entram as escolhas, ou seja, a determinação de seguir um rumo e dar eficácia aos recursos investidos. Retomando as ideias de Geoff Mulgan, este autor enfatiza três dimensões-chave no sucesso das inovações sociais: elas resultam normalmente em novas combinações ou híbridos de elementos já existentes, mais do que em elementos verdadeiramente novos; envolvem o cruzamento de barreiras organizacionais, setoriais ou disciplinares; dão origem a novas relações sociais entre *stakeholders*. E acrescenta-lhe, em co-autoria (Bacon et al., 2008), a proposta de um “modelo de inovação social local”.

O modelo desenhado articula os fatores influentes na dinâmica de inovação: a autoridade, ou as pressões externas e internas que autorizam a mudança e que algumas vezes são refratadas através de uma liderança política; a capacidade organizacional, isto é, a demonstração de capacidades internas para operar a mudança e a sua disseminação (incluindo cultura, gestão e capacidade técnica); e o valor, traduzido no feedback que as lideranças recebem, tanto por via das redes externas como através do valor visível e benefícios públicos gerados, e que confere legitimidade à inovação implementada.



Figura 3 - O modelo estratégico para a inovação social local

Fonte: Bacon et al. (2008).

Uma terceira característica desta abordagem é a de que a inovação social faz apelo à figura do empreendedor social e à capacidade desses indivíduos para operarem a “destruição criadora” (Schumpeter, 1926) que conduz à mudança. O empreendedor social surge como o “timoneiro”, ou o agente da mudança, capaz de abraçar uma missão social, reconhecer e procurar novas oportunidades para servir a essa missão, empenhar-se no processo de inovação, adaptação e aprendizagem, agir com ousadia e prestar contas com transparência em

relação aos resultados obtidos (Dees, 2001; Harrison, 2012). O empreendedor social, cuja ação visa conjugar eficácia económica e impacto social, deverá distinguir-se do empreendedor comercial pela sua motivação de criar valor para a sociedade, e não de gerar valor para si próprio ou para a sua empresa. Contrariamente a este, cuja ação se focaliza sobre a apropriação de valor, o empreendedor social preocupa-se em gerar *input's* externos positivos, sobretudo nos domínios onde o Estado e o Mercado são ineficazes ou negligentes. Essas externalidades representam um benefício claramente superior para a sociedade do que o apropriado pelas partes em transação, e dirigem-se primordialmente a contextos localizados (populações isoladas, minorias étnicas, populações envelhecidas) ou aos segmentos mais desprotegidos da população (Santos, 2012).

Como corolário das opções anteriores, não será então de estranhar, e daqui decorre a quarta característica que pretendemos sublinhar, que esta conceção da inovação social tende a valorizar a adaptação das lógicas de mercado à resolução de problemas sociais, também ela orientada para a eficiência dos processos e eficácia dos resultados (Phills Jr., Deiglmeier, e Miller, 2008). A perspetiva em causa considera como virtuosa a adoção de um “business-like behaviour” (Dart, 2004), refletido não apenas em objetivos de “produção de valor económico e social”, mas que se estende também às preocupações de eficiência e eficácia na provisão de bens e serviços, aos modelos de gestão organizacional implementados e à própria retórica, quando privilegia o uso de uma terminologia de negócios (Caron, 2007; Baumgarten, 2008). É imperativo reconhecer que esta via abre portas para soluções

organizacionais e estratégicas até agora ainda pouco ensaiadas. Mas, ao mesmo tempo, aponta para um modelo de inovação social de “fraca solidariedade” (Amaro e Laville, 2016), que favorece a penetração do modelo mercantil no tratamento das questões da pobreza ou do ambiente, ao mesmo tempo que substitui o Estado Social nas suas obrigações públicas, e o desresponsabiliza.

Para concluir este ponto, importará sublinhar que esta perspetiva tem sido fortemente encorajada do ponto de vista político, nomeadamente por parte da OECD e da Comissão Europeia, ao ser adotada a definição de que as inovações sociais são inovações que são sociais tanto nos seus fins como nos seus meios. Especificamente, definimos as inovações sociais como novas ideias (produtos, serviços e modelos), que simultaneamente promovem a resolução de problemas sociais (de forma mais eficaz do que as alternativas), e criam novas relações sociais ou colaborações. Por outras palavras, são inovações que não só são boas para a sociedade como também reforçam a capacidade da sociedade para agir (Bureau of European Policy Advisers (BEPA), European Commission, 2011).

Acresce ainda o modo como a inovação social é incluída no leque de respostas desejáveis aos problemas sociais agravados com a crise económica que a Europa viveu desde 2008, na perspetiva de que a inovação social não é uma panaceia, mas se incentivada e valorizada, ela pode aportar soluções imediatas para os problemas sociais prementes com que os cidadãos são confrontados.

Inovação social e transformação social

A proposta de uma visão alternativa para a inovação social parte sobretudo da Europa continental e do Quebec, muito particularmente em torno de autores que se expressam (predominantemente ou também) em língua francesa. O que não será seguramente apenas uma questão de coincidência, na medida em que esta ideia de inovação social tem sido amadurecida no prolongamento de uma forte tradição para encarar (tanto ao nível analítico como pragmático) o desenvolvimento local e as iniciativas da economia social e solidária como vias para a co-construção de políticas públicas, o desenvolvimento de uma economia plural ou ao ensaio de formas renovadas de democracia. A configuração do conceito repousa sobretudo na convicção de que o modelo de inovação social deve apostar numa “solidariedade forte” (Amaro e Laville, 2016), aspirante a ultrapassar a função meramente reparadora no domínio da economia, e substituindo-a por uma visão transformadora do modelo de desenvolvimento e das relações coletivas. Marie J. Bouchard e Benoit Lévesque identificam-na como: *“uma intervenção iniciada pelos atores sociais, para atender uma aspiração, para satisfazer uma necessidade, aportar uma solução ou beneficiar de uma oportunidade de ação, a fim de modificar as relações sociais, de transformar um quadro de ação ou de propor novas orientações culturais”* (2010).

Acrescentam-lhe ainda a enumeração dos distintos tipos de inovação: relações de produção (implicação e participação dos trabalhadores, novas formas de organização do trabalho, criação de empresas em

autogestão, fundos de trabalhadores, empresas de inserção), relações de consumo (implicando a participação dos utilizadores, coprodução de serviços pessoais, co-construção de novos programas e novas regras, consumo responsável, lazer e turismo responsáveis), relações entre empresas (cooperação e concorrência; interdependências não mercantis (externalidades), responsabilidade social corporativa), configuração espacial das relações sociais (novas formas de governança, desenvolvimento económico e comunitário).

Por sua vez, segundo Yao Assogba, é inovação social toda a iniciativa empreendida por parte de atores sociais num determinado contexto social com o objetivo de proporcionar respostas inéditas a um certo número de problemas sociais (exclusão social, pobreza, abandono escolar, etc.). Do ponto de vista sociológico, as inovações sociais apresentam as seguintes características principais: desafiam as dicotomias tradicionais como as de “mercado e não-mercado”, “produtor e não um produtor ou consumidor”, “público e privado”; as inovações sociais buscam implementar os meios adequados ao contexto social; elas visam a coesão social e a solidariedade, baseiam-se na democracia participativa, evitam a burocratização; as inovações sociais inspiram-se geralmente nos princípios fundamentais da economia social e da economia solidária (2007).

O ponto comum e fundador desta outra aproximação à inovação social é o de que a economia social e solidária, assim como as dinâmicas de desenvolvimento local, se apresentam como importantes fatores, e motores, da inovação social (Lévesque, 2006; Klein et al., 2009). A “economia social e solidária” inscreve-se hoje nos modos de regulação

emergentes (Bouchard, 2006), a par e muitas vezes como alternativa à regulação tutelar do Estado ou à regulação concorrencial do mercado, marcada pela particularidade de reconhecer explicitamente a dimensão social da economia. A economia social e solidária distingue-se pela procura de respostas coletivas para necessidades sociais não satisfeitas, estruturada a partir de múltiplas fontes de recursos e formas de provisão de bens e de serviços: mercantis, não mercantis (redistribuição) e não monetárias (dom e reciprocidade). Afirma-se ainda pela reposição no jogo económico de pessoas que daí foram excluídas (microcrédito, comércio justo, gestão coletiva de terras e alojamentos) e pela valorização de regras e valores que potenciem a sua participação ativa. Entre elas, a adoção de formas organizativas de natureza associativa (sobretudo cooperativas, mutualidades e associações) e, no seio dessas organizações, pelos seguintes princípios: (1) finalidade de serviço aos membros ou à coletividade mais do que de lucro; (2) autonomia de gestão; (3) processos de decisão democrática; (4) primazia das pessoas e do trabalho sobre o capital na repartição dos excedentes (Defourny e Develtere, 1997).

Muitas destas iniciativas escoram-se num território específico, estando na génese ou sendo o corolário de dinâmicas de desenvolvimento local. Em locais e regiões penalizados por um tecido económico frágil, em que ao envelhecimento da população se soma o agravamento dos problemas sociais e a incapacidade dos poderes públicos atenderem às necessidades, são as organizações do terceiro setor (associações, cooperativas, instituições particulares de solidariedade social...) que regularmente assumem a liderança de projetos de desenvolvimento

económico e social. O desenvolvimento local surge, assim, associado à prestação de serviços de proximidade, à diversificação das atividades económicas, à valorização do património natural e sociocultural, à promoção da formação e da aprendizagem, entre tantos outros exemplos. As dinâmicas de intervenção adaptam-se às especificidades do território, vinculam as pessoas que aí residem e assumem a participação local, de uma forma democrática, como força motriz do desenvolvimento e do bem-estar (Monteiro, 2008, 2014; Squazzoni, 2008).

O enraizamento da inovação social em dinâmicas locais ligadas à economia social e solidária e a interpretação daquelas como “laboratórios de inovação social”, altera significativamente a configuração do conceito em análise quando comparado com a perspetiva anterior. Situamos as principais alterações em três domínios: na centralidade conferida ao processo (coletivo) que conduz à inovação; na importância que os fatores de contexto adquirem, particularmente o de “território”; e, ainda, na orientação da inovação social para valores que se confundem com a redefinição do paradigma de desenvolvimento e a transformação social.

Se a anterior abordagem se pautava por uma conceção utilitarista da inovação social, privilegiando-lhe a eficácia na resposta aos problemas sociais, na presente aceção é o processo (Hulgard e Ferrarini, 2010) que se torna o centro da atenção nas dinâmicas de inovação social. Concretamente, a qualificação de “socialmente inovadora” resulta em grande medida do modo como a identificação (ou revelação) das necessidades sociais resulta de uma dinâmica coletiva, partilhada entre

profissionais e utilizadores. E, de igual modo, os objetivos de uma iniciativa são coletivamente definidos e se providencia conjuntamente o leque de soluções para a sua satisfação (Bignetti, 2011; Institut Godin, 2012). A finalidade da inovação não é definida previamente, resultando antes da capacidade para empreender coletivamente o trajeto entre a identificação das necessidades e a provisão de soluções. A inovação social suporá ainda a renovação dos arranjos institucionais e a criação de novos códigos de conduta, como resultado da modificação das relações sociais entre as partes envolvidas, ou stakeholders (setor público, organizações privadas lucrativas e não lucrativas, instituições de ensino, grupos de interesse, usuários etc.). A inovação social é, neste quadro, pensada como um sistema territorializado. Do ponto de vista analítico, surge como desafiante a hipótese colocada por Jean-Marc Fontan, segundo a qual a dimensão social de toda a inovação remete para os mecanismos pelos quais se estabelece o enraizamento da novidade num tecido territorial. Sem território não há sociabilidade e sem sociabilidade não há território! (2008:5).

Em favor da sua validação, este e outros autores (Torjman e Leviten-Reid, 2003; Hillier, Moulaert e Nussbaumer, 2004; Andrew e Klein, 2010; Vallat, 2015) sublinham a importância da proximidade na facilitação das interações e na estruturação de redes locais, incluindo aquelas que combinam a participação dos utilizadores com o contributo de atores oriundos de outras geografias e áreas de interesse (empresas, Estado, universidades, centros de investigação etc.). A territorialização das dinâmicas de inovação mobiliza setores-chave da comunidade em torno de prioridades locais, potencia a criação de espaços de cooperação

entre os atores envolvidos, é crucial para a “tradução” e adaptação ao novo território de experiências já ensaiadas em outras geografias e contextos. De igual modo, ao aproximarem pessoas com diferentes origens, culturas e pontos de vista, para partilharem experiência e ideias, as dinâmicas geradas fomentam a aprendizagem comunitária (community learning) (Torjman e Leviten-Reid, 2003; Méndez, 2007), num tempo em que a capacidade para aprender e adaptar é crucial para a mudança social sustentada.

Finalmente, a inovação social é aqui interpretada como o resultado da combinação entre uma função reparadora e, num projeto mais ambicioso e muito mais complexo, a vontade de transformação social. À luz deste pressuposto, a inovação social só adquire verdadeiro valor (e distingue-se da invenção) quando se dissemina, se institucionaliza e se coloca ao serviço de mudanças permanentes. Isto é, contribui de forma efetiva para uma redefinição do paradigma de desenvolvimento. Das várias visões sociais que procuramos sustentar teoricamente, podemos concluir que o que fazemos nesta área é determinante para uma mudança socialmente positiva, mais inclusiva e mais justa que todos desejamos.

O Amadora Cuida é o pilar destinado a concretizar esta dimensão da nossa intervenção, promover uma discriminação positiva entre a população mais fragilizada e mais carenciada. Temos 3 vetores de intervenção prioritária, um primeiro virado para o apoio a todos os que muitas vezes não têm o que vestir, transformando o que, para uns é desperdício, num artigo de valor acrescentado para outros. O público abrangido vai desde os mais novos aos mais idosos.

Um segundo vetor de intervenção destinado ao apoio às famílias mais fragilizadas disponibilizando uma sala de acolhimento para crianças e bebés, totalmente gratuita, destinada aos filhos dos que querem estudar, e/ou criar o seu próprio negócio e um terceiro vetor de intervenção com a Oficina Multisserviços, que tem como missão fazer instalação do serviço de teleassistência e realizar pequenas obras de reparação em casa de pessoas mais idosas, portadoras do cartão 65+.

a) Loja de Apoio Social

A loja de apoio social foi criada em 2011 e tem como objetivo dar respostas efetivas a situações de pessoas carenciadas, procurando de uma forma ativa minimizar alguns problemas de vulnerabilidade existentes, contribuindo desta forma para uma pequena melhoria ao nível de integração social e da qualidade de vida de alguns indivíduos.

Os apoios prestados são distribuídos de forma gratuita, sendo ao nível de vestuário de criança, jovem e adulto e pequenos eletrodomésticos e excecionalmente e de acordo com o espaço disponibilizado, brinquedos, mobiliário e outros eletrodomésticos. Pretende-se envolver a sociedade civil e o tecido empresarial de forma a contribuírem também, através da doação de bens, para reduzir os efeitos da pobreza e da exclusão social.

b) Sala de Acolhimento para Crianças

A Sala de Acolhimento nasce do esforço conjunto da Amadora Inova e da Câmara Municipal da Amadora, acolhendo crianças com idades compreendidas entre 1 mês e os 5 anos, que ocorre durante o período de formação do encarregado de educação ou durante o período em que empreendedores, incubados na Amadora Inova não tenham com quem deixar os seus filhos. A sala de acolhimento funciona na sede da Amadora Inova e tem capacidade para 16 crianças em simultâneo. Tendo em conta os horários de trabalho dos empreendedores e os horários de formação, este espaço está aberto entre as 8h e as 20 horas, dividido em 2 turnos, um das 8h -14h e outro 14h-20h.

c) Amadora Multisserviços

A Câmara Municipal da Amadora e a Amadora Inova aliaram-se na partilha da responsabilidade em combater alguns dos fenómenos estruturais que contribuem para acentuar a pobreza e as desigualdades socioeconómicas patentes no nosso Concelho.

Neste sentido, em 2006, levaram a cabo o Projeto Oficina Multisserviços, disponibilizando à população menos favorecida e portadora do cartão 65+ a possibilidade de viver em melhores condições de habitabilidade através da realização de pequenas reparações que possam garantir mais segurança e conforto no lar.

Posteriormente passou também a fazer parte do portefólio destas intervenções a instalação de sistemas de teleassistência.

A articulação deste projeto passa por várias etapas: a Divisão de Intervenção Social da Câmara tem como principal função fazer a triagem dos pedidos (que preencham todos os requisitos estabelecidos em protocolo) e encaminhá-los para a Amadora Inova, a fim de esta satisfazer e concretizar as intervenções pedidas pelos municípios. A equipa de reparações, deverá dar início às intervenções e/ou efetuar a primeira visita para fazer o levantamento dos materiais necessários num período máximo de até 72 horas, considerando dias úteis.

Estas intervenções vão permitir a permanência de pessoas no seu domicílio, assegurando as necessidades relacionadas com a sua idade, segurança e conforto.

O saber é determinante na nossa vida, os mais velhos são a encarnação viva de muito desse saber, não os abandonamos, vamos com eles!

Referências

- ANDREW, Caroline; KLEIN, Juan-Luis. (2010), *Social innovation: what is it and why is it important to understand it better* Québec, CRISES.
- AMARO, Rogério R.; LAVILLE, Jean-Louis. (2016), “Social innovation in Europe: what relation with solidarity economy?” RIPESS Europe.
- BACON, Nicola et al. (2008), *Transformers – How local areas innovate to address changing social needs* London, NESTA
- BEPA (Bureau of European Policy Advisers) e European Commission. (2011), *Empowering people, driving change, social innovation in the European Union* Luxembourg, EUR-OP.
- BIGNETTI, Luiz P. (2011), “As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa”. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 47, n. 1, janeiro/abril, pp. 3-14.
- BOUCHARD, Marie J. (2006), *L’innovation sociale en économie sociale. Chaire de recherche du Canada en économie sociale* Québec, Université de Montréal.
- CARON, Antoninho. (2007), “Inovação Social e o papel da indústria”. in: D. Farfus; M. C. S. Rocha (coords.), *Inovações Sociais* Curitiba, FIEP – Federação das Industrias do Estado do Paraná, pp. 85-116.
- DART, Ray. (2004), “Being ‘business-like’ in a nonprofit organization: a grounded and inductive typology”. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, v. 33, n. 2, pp. 290-310.
- DEES, Gregory. (2001), *O significado do ‘empreendedorismo social’* Disponível em <http://www4.fe.uc.pt/cec/significademprededor.pdf>
- DEFOURNY, Jacques; DEVELTERE, Patrick. (1997), *Jalons pour une clarification des débats sur l’économie sociale* Luxembourg, ADA (Appui au Développement Autonome).
- HILLIER, Jean; MOULAERT, Frank; NUSSBAUMER, Jacques. (2004), “Trois essais sur le rôle de l’innovation sociale dans le développement territorial”. *Géographie, Économie, Société*, n.º 6, pp. 129-152.
- HULGARD, Lars; FERRARINI, Adriane V. (2010), “Inovação Social: rumo a uma mudança experimental na política pública?” *Ciências Sociais Unisinos*, v. 46, n. 3, pp. 256-263.

- LEADBEATER, Charles; MEADWAY, James. (2008), *Attacking the recession. How innovation can. Fight the Downturn* London: NESTA.
- LÉVESQUE, Benoît. (2006), *Le potentiel d'innovation et de transformation de l'économie sociale: quelques éléments de problématique*. Québec: CRISES.
- PHILLS Jr., James A.; DEIGLMEIER, Kriss; MILLER, Dale T. (2008), "Rediscovering social innovation". *Stanford Social Innovation Review*, v. 6, n. 4,, 6.4, pp. 34-43.
- MÉNDEZ, Ricardo. (2007), "Inovação localizada e eficiência coletiva: do território como suporte ao território como recurso para o desenvolvimento". In M. L. Maciel e S. Albagli (orgs.), *Informação e desenvolvimento: conhecimento, inovação e apropriação social* Brasília, UNESCO/IBICT, pp. 247-269.
- MONTEIRO, Alcides A. (2004), *Associativismo e novos laços sociais* Coimbra, Quarteto.
- MONTEIRO, Alcides A. (2008), "Les initiatives de développement local au Portugal, entre la régulation et l'autonomie". *RECMA – Revue Internationale de l'Économie Sociale*, n. 309, pp. 64-75.
- MONTEIRO, Alcides A. (2011), "Autonomia e co-responsabilidade ou o lugar da Educação de Adultos na luta pela inclusão social". *Revista Lusófona de Educação*, n. 19, pp. 67-83.
- MONTEIRO, Alcides A. (2014), "The Active Role of Community-Based Organizations in the Local Redefinition of National Policies". *Revista de Cercetare si Interventie Sociala*, n. 46, pp. 203-215.
- MONTEIRO, Alcides A. (2015), "Espinafres, tartes de maçã e governança local". *Veze e Voz*, Edição Especial - Março 2015, pp. 28-35.
- MULGAN, Geoff. (2010), "Inovação Social". in: C. Azevedo; R. C. Franco; J. W. Menezes (coords.), *Gestão de organizações sem fins lucrativos: o desafio da inovação social* Porto, Edições Vida Económica, pp. 51-74.
- MULGAN, Geoff. et al. (2007), *Social innovation: what it is, why it matters and how it can be accelerated* London, Young Foundation.
- NILSSON, Warren; PADDOCK, Tana. (2014), "Social innovation from the inside out". *Stanford Social Innovation Review*, v. 12, n. 1, pp. 46-52.

- SANTOS, Filipe M. (2012), “A positive theory of social entrepreneurship”. *Journal of Business ethics*, v. 111, n. 3, pp. 335-351.
- SCHUMPETER, Joseph. A. (1926), *Théorie de l'évolution économique* Paris, Dalloz.
- TORJMAN, Sherri; LEVITEN-REID, Eric. (2003), *Innovation ad CED: What They Can Learn From Each Other* Ottawa, The Caledon Institute of Social Policy.
- VALLAT, David. (2015), “Commons et innovation sociale”. Communication au XVe Rencontres du RIUESS, Reims, 27-29 de maio.